



instalação de Livia Flores (detalhe), 2018. Design gráfico: Enzo Esberard.

*Na sua inserção cotidiana, a crítica não só elabora o pensamento estético, estabelece diálogo com os processos artísticos e avalia as tensões inerentes ao sistema de arte; além disso, ela nos oferece material para compreendermos as relações econômicas e políticas, as diferentes pautas e lutas que constituem o tecido social, as transformações tecnológicas e estruturais pelas quais passamos e continuamos a passar, tanto na dimensão micro quanto na macro. Por meio de sua prática, visões da arte e sobre a arte foram e são produzidas no campo artístico e na esfera pública mais ampla, promovendo reflexão e debate.*

**CARLOS TERRA**  
ABCA/RIO DE JANEIRO  
**IVAIR REINALDIM**  
ABCA/RIO DE JANEIRO

A Escola de Belas Artes da UFRJ, juntamente com seu Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) e o apoio do Grupo de Pesquisa História do Paisagismo (GPHP), sediou a Jornada da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) em 2022. Pelas dificuldades encontradas neste primeiro ano de gestão da ABCA, optamos por fazer um evento sucinto, em formato *on-line*, nos dias 15 e 16 de dezembro, via plataforma *StreamYard*, com transmissão pelo *YouTube*. O encontro contou com oito palestras, distribuídas em quatro diferentes mesas, seguidas de debate, e com uma conferência de encerramento. O evento também teve uma dimensão internacional, contando com palestrantes da França e da Argentina.

A temática da Jornada 2022 foi **A Crítica de Arte no seu Tempo e entre Tempos**. A proposta pretendia examinar os modos pelos quais a crítica de arte tornou-se parte integrante não só do sistema de arte, mas também da vida cotidiana da nossa sociedade, seja no momento histórico em que ela foi produzida e/ou se insere,

ARTIGOS/ENSAIOS

## JORNADA ABCA 2022: A CRÍTICA DE ARTE NO SEU TEMPO E ENTRE TEMPOS

# A crítica de arte no seu tempo e entre tempos

Jornada ABCA 2022



da cena da arte contemporânea da/na Paraíba, no encalço do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), da UFPB, entre 1977 e 1984, seguido pela inauguração da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rêgo em 1983, e a realização da Exposição ‘Momentaufnahme’ ou ‘Arte Atual de Berlim’, em agosto de 1987”. Partindo dessas duas referências

professores **Robson Xavier da Costa** e **Paulo Reis** e a mediação da professora Luana Wedekin.

A primeira palestra teve como temática *Fora do eixo: a arte na Paraíba entre os anos 1980 e 1990* e nela **Robson Xavier da Costa** destacou que as décadas analisadas “foram referenciais para a consolidação

seja na articulação de diferentes temporalidades inerentes a seus processos de constituição e atuação. Entendemos, portanto, que a crítica de arte, por mais localizada que possa ser, também se constrói na articulação de tempos.

Na sua inserção cotidiana, a crítica não só elabora o pensamento estético,

estabelece diálogo com os processos artísticos e avalia as tensões inerentes ao sistema de arte; além disso, ela nos oferece material para compreendermos as relações econômicas e políticas, as diferentes pautas e lutas que constituem o tecido social, as transformações tecnológicas e estruturais pelas quais passamos e continuamos a passar, tanto na dimensão micro quanto na macro. Por meio de sua prática, visões da arte e sobre a arte foram e são produzidas no campo artístico e na esfera pública mais ampla, promovendo reflexão e debate.

Alinhados à ideia geral, foram propostos os seguintes eixos: especificidades/particularidades históricas da crítica de arte; a crítica de arte como uma prática; circulação e alcance da crítica; a crítica de arte e seus públicos; relações entre crítica e curadoria; a crítica e os processos artísticos; a crítica institucional como prática artística; entre outros. Os organizadores tiveram o cuidado de mapear o máximo possível o nosso país em suas diferentes regiões,

mesmo que se tratasse de um evento em formato reduzido. Os palestrantes eram provenientes do Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

O evento iniciou-se no dia 15 de dezembro de 2022, com a abertura oficial, na qual estiveram presentes os organizadores Carlos Terra, 2º vice-presidente da ABCA e representante da Direção da Escola de Belas Artes/UFRJ; Ivair Reinaldim, também organizador e representante do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/UFRJ, do qual é o seu atual coordenador, e Sandra Makowiecky, presidente da ABCA. Em seguida, com mediação da professora Maria Luisa Távora, iniciou-se a primeira mesa, composta pelos professores Jacques Leenhardt, da França, e Georgina Gluzman, da Argentina.

Jacques Leenhardt apresentou um trabalho com o título *Deslocamento do tempo e anacronismo na imagem: ensaio crítico sobre algumas obras do artista maranhense Gê Viana*, desenvolvendo ao longo de sua palestra algumas questões,

tendo os trabalhos da artista Gê Viana como fio condutor. Para ele “todos nós participamos, em graus variados, de múltiplas e distintas temporalidades”. No entanto, no caso de artistas pertencentes a culturas tradicionais amazônicas, essa experiência produz “uma tensão particular”, pelo fato de “essas comunidades vivenciarem profundas discrepâncias entre si”. Assim, os trabalhos de Gê Viana, por meio do uso de diferentes tipos de colagem, articulam muitas dessas tensões, “jogando com a temporalidade” e “com formas de anacronismo”.

Georgina Gluzman apresentou *Fabulosos e epigonales: las artistas argentinas en los ojos de la crítica artística (1890-1950)* e na sua fala verificamos que seu interesse era “explorar duas categorias que os críticos de arte, predominantemente homens, utilizaram para analisar a obra de mulheres artistas na Argentina na primeira metade do século XX”: por um lado, a da “exceção”; por outro, a da “seguidora, isenta de qualquer inventividade”. A pesquisadora partiu da análise de fontes textuais

ainda pouco exploradas no contexto argentino, para analisar “como foram apresentadas as intervenções femininas no terreno da arte”, propondo algumas questões: “Como se conectaram essas ideias ao redor dessas mulheres criativas com suas carreiras? Que consequências tiveram essas representações na História da Arte?”. Após sua fala, foi feito um debate com os dois apresentadores e houve uma grande participação por parte daqueles que assistiam ao evento.

Dando continuidade ao primeiro dia da Jornada, ocorreram mais duas palestras, com a mediação do professor Rodrigo Vivas. A primeira, proferida pela professora **Sonia Gomes Pereira**, e a segunda pelo professor **Aldrin Figueiredo**.

**Sonia Gomes Pereira** trouxe *A crítica de arte de Gonzaga Duque* e sua comunicação centrou-se na análise da crítica de arte de Gonzaga Duque, em especial, em alguns aspectos presentes em seu livro *Arte Brasileira*, publicado em 1888. Ela lembrou que “isto implica a análise

da repercussão em sua escrita das teorias artísticas, tais como o Realismo e o Impressionismo, assim como a presença das principais correntes de ideias em voga entre os intelectuais brasileiros, como o Positivismo, e a discussão sobre as raças”. A partir do exame desse conjunto de referências, objetivou “detectar as principais escolhas do crítico naquele momento de mudanças no Brasil, tanto políticas - Abolição e República -, quanto artísticas - como a transformação da velha Academia em Escola Nacional de Belas Artes e o amadurecimento de uma nova geração de artistas”.

Já o professor **Aldrin Figueiredo** falou sobre *A grande chama tupi: manifesto, crítica e modernismo na Amazônia na década de 1920*, tendo como ponto central a análise da importância e da divulgação do manifesto literário Flami-n'-assú, de Abguar Bastos (1902-1995), “como parte da construção intelectual de um perspectivismo amazônico no modernismo brasileiro na década de 1920”. Desse modo, o pesquisador “buscou analisar a formação dos

grupos literários no Pará nas primeiras décadas do século XX, seu visio filosófico e suas conexões e distinções com outros projetos artísticos nacionais”, para averiguar como algumas “ideias de modernidade, mediadas por noções de identidade nacional, sob o ponto de vista regional, estão na base da formulação desse ideário”, considerando ainda “o lugar do discursivo, a ancestralidade indígena e o posicionamento da Amazônia no debate a partir de uma farta experiência literária”. Para ele, “não se tratava mais de pensar a região [como] um reduto de tradições, perdido no passado, à margem da história”, uma vez que “ideias de futuro, juventude, vanguarda, saber e arte indígenas fizeram parte do repertório cognitivo de sustentação ‘mental’ e ‘espiritual’”, presentes no manifesto Flami-n'-assú. Após as duas apresentações, novamente a palavra foi franqueada ao público, que reagiu com várias perguntas e alguns comentários. Encerrou-se, assim, o primeiro dia da Jornada.

No dia seguinte (16 de dezembro), o evento começou com as palestras dos

iniciais, o pesquisador destacou ainda a “criação da Pinacoteca da UFPB, seguida das Mostras Arte Atual Paraibana I e II no início dos anos 1990”. Também comentou que “essas exposições e ações institucionais fizeram parte da inserção da arte produzida e/ou que circulou no estado da Paraíba, na cena nacional/internacional da arte contemporânea, estabelecendo diálogos e marcando um momento histórico que repercute até a contemporaneidade”.

Paulo Reis apresentou *Cartografias do presente - exposições e histórias da arte*, tendo como pressuposto “a construção específica de diversificadas narrativas históricas das artes visuais no Brasil constituídas pelas exposições”. Destacou a “compreensão das exposições e suas curadorias” como “lugar privilegiado de uma historiografia da arte”, possibilitando a produção de “outras construções narrativas da arte brasileira”, “uma história da arte que se quer mais complexa e diversa”. Com essas premissas, o foco da abordagem recaiu em seis exposições no Brasil, a partir dos

Uma promoção de:  
EBA/UFRJ, PPGAV/UFRJ, GPHP

**Jornada ABCA 2022**

**A crítica de arte no seu  
tempo e entre tempos**

**15 e 16 de dezembro de 2022**



anos 1970, analisando “suas tramas, estratégias, ensaios narrativos e históricos”, sendo elas: ‘Panorama das Artes Plásticas em Campo Grande’ (1970), com curadoria de Aline Figueiredo; ‘Projeto Nordeste’ (1999), com curadoria de Moacir dos Anjos; ‘Amazônia, a Arte’ (2010), com curadoria de Orlando Maneschy; ‘Histórias Afro-atlânticas’ (2018), com curadoria de Adriano Pedrosa, Ayrson Heráclito, Hélio Menezes, Lilia Moritz Schwarcz e Tomás Toledo; ‘Sertões - 36º Panorama da Arte Brasileira’ (2019), com curadoria de Júlia Rebouças; e ‘Netos de Makunaimi - Encontros de Arte Indígena Contemporânea’ (2019), com curadoria de Ana E. de C. Freitas e Paula Berbert.

Após a realização do debate, o evento recomeçou com as palestras das professoras **Lisbeth Rebollo Gonçalves** e **Gabriela Abraços**, com a mediação da professora Ana Lucia Beck.

*Sérgio Milliet e Mário Pedrosa: dois críticos brasileiros no contexto da Associação Brasileira de Críticos*

*de Arte* foi o título da palestra de **Lisbeth Rebollo Gonçalves**, que destacou a relação dos dois críticos, no século XX, com a história da arte moderna no Brasil e com a “projeção da arte brasileira no estrangeiro, especialmente na Europa”. Ao destacar que “Sérgio Milliet viveu de 1898 a 1966 e Mário Pedrosa, de 1900 a 1981”, considerou que “no contexto nacional e internacional da atualidade, Mário Pedrosa é quem atualmente atrai a atenção dos especialistas em arte e das instituições artísticas brasileiras e internacionais”. Sérgio Milliet, por sua vez, não apresenta a mesma repercussão, “apesar de haver diversas teses sobre sua produção intelectual como crítico de arte e de literatura, poeta, ensaísta, tradutor e gestor cultural, resultado de pesquisas universitárias produzidas nos últimos 40 anos no Brasil”. Assim, conclui que “fatores ligados ao contexto da globalização cultural podem explicar este fato”. A apreciação crítica dessa questão foi foco central da palestra.

**Gabriela Abraços** intitulou seu

trabalho *A crítica de arte de Mário Pedrosa: os estudos da percepção e a pesquisa contínua do crítico* e sua apresentação “visou apresentar uma reflexão sobre o crítico Mário Pedrosa, e seus estudos sobre a percepção humana, embasado por seu interesse pela forma artística e a dimensão afetiva da arte”. Sua proposta foi de que o “crítico compôs uma trajetória de estudos sobre a psicologia da forma e percepção, a fim de melhor compreender os meandros da criação e da recepção estética do objeto de arte”, a partir do “binômio arte e ciência”. Desse modo, “Pedrosa buscou na Psicologia e na Filosofia, os subsídios teóricos que serão necessários para a tessitura de sua crítica de arte, sobre os movimentos estéticos que frequentou e fomentou”. Continuou dizendo que “nessa seara, o crítico argumentou que o contato sensível com a arte possibilita ao homem o desenvolvimento de uma relação mais humanizada do indivíduo com seu mundo” uma vez que “a natureza afetiva da arte é capaz de desenvolver gradativamente no indivíduo, um olhar sensível sobre

si mesmo e sobre os outros”. Após o debate, passou-se para a conferência de encerramento.

O professor **Moacir dos Anjos** apresentou *Do engenho à piscina: estratégias de representação na arte brasileira contemporânea* e durante sua conferência destacou “duas estratégias contra-hegemônicas de representação na arte brasileira contemporânea que se consolidaram ao longo da última década”. Ao analisar essas estratégias, “repercutidas e legitimadas por críticos e curadores em processo de disputa pelas equivalências sensíveis que melhor caracterizam o país atual”, apresentou exemplos de trabalhos de artistas contemporâneos que se relacionam com uma e/ou outra. Lembrou que “a primeira delas se ocupa da exposição das violências e danos históricos impostos aos corpos minorizados na sociedade brasileira (negros, indígenas, travestis, loucos, pobres)”; a segunda, por sua vez, “recusa a reiteração de imagens de sofrimento desses corpos e os apresenta em situações cotidianas de felicidade e beleza”. O pesquisador

concluiu que, “embora distintas, não são estratégias inteiramente antagônicas, ambas contribuindo para a construção de uma outra paisagem simbólica do Brasil, mais generosa e inclusiva”. Ao final de sua fala, procedemos ao encerramento da Jornada ABCA 2022. Estiveram presentes os organizadores Carlos Terra e Ivair Reinaldim; a presidente da ABCA, Sandra Makowiecky, e a presidente da AICA, Lisbeth Rebollo Gonçalves.

Acreditamos que a Jornada ABCA 2022 cumpriu seus objetivos principais, havendo uma grande integração com os pesquisadores, o público e a direção da ABCA. Agradecemos a Escola de Belas Artes/UFRJ, o PPGAV/EBA/UFRJ, e a ABCA, a artista Livia Flores, que cedeu a imagem para a programação visual do evento, a Irene Peixoto, Diretora Adjunta de Cultura/EBA/UFRJ, e a seu bolsista, Enzo Esberard, pela programação visual, as pós-graduandas Renata Palheiros e Flora Pereira Flor, pelo suporte técnico na organização e transmissão do evento, o Galpão no Ar/PGGAV/EBA/UFRJ e a todos que de uma forma ou outra contribuíram para a sua

realização. Por fim, reforçamos que o registro das falas está disponível no YouTube, em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLxJn7wJrn5HYf501XRs0UsgKNSA7-UeWT>

Até a próxima Jornada!



## COMISSÃO ORGANIZADORA

PRESIDENTE: Carlos Gonçalves Terra (UFRJ)

Ivair Junior Reinaldim (ABCA/UFRJ)

Sandra Makowiecky (ABCA/UDESC)

Francine Goudel (ABCA/SC)

Viviane Baschirotto (ABCA/SC)

1ª Secretária: Gabriela Abraços (ABCA/SC)

2ª Secretário: Rodrigo Vivas (ABCA/UFGM)

1ª Tesoureira: Francine Goudel (ABCA/SC)

2ª Tesoureiro: Hércio Magalhães (ABCA/SC)

## COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Lúcia Beck (ABCA/ UFG)

Angela Ancora da Luz (ABCA/UFRJ)

Carlos Terra (ABCA/UFRJ)

Isis Braga (ABCA/UFRJ)

Ivair Reinaldim (ABCA/UFRJ)

Gabriela Abraços (AICA/ABCA/SP)

Lisbeth Rebollo Gonçalves (AICA/ABCA/USP)

Luana Wedekin (ABCA/UDESC)

Maria Luiza Távora (ABCA/UFRJ)

Priscila Arantes (ABCA/PUC-SP)

Rodrigo Vivas (ABCA/UFGM)

Sandra Makowiecky (ABCA/UDESC)

## ABCA

Presidente: Sandra Makowiecky (ABCA/UDESC)

1º Vice-Presidente: Priscila Arantes (ABCA/PUC-SP)

2º Vice-Presidente: Carlos Terra (ABCA/UFRJ)

### **CARLOS TERRA**

Docente do Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes/UFRJ e do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes/UFRJ. Doutor em Artes Visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ. É líder do Grupo de Pesquisa História do Paisagismo. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), sendo seu segundo vice-presidente, e do ICOM-BR. Pesquisador PQ-2 do CNPq. Avaliador institucional e de cursos superiores do INEP/MEC. Tem experiência na área de Artes, com ênfase nos estudos da paisagem, atuando principalmente nas seguintes áreas: História da Arte e História dos Jardins.

### **IVAIR REINALDIM**

Docente do Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes/UFRJ e do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes/UFRJ. Doutor em Artes Visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ. É líder do Grupo de Pesquisa Lab | HABA - Laboratório de Historiografia da Arte no Brasil e Américas, membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA) e da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Desenvolve pesquisa nas áreas de historiografia e teoria da arte, crítica de arte e estudos curatoriais.